

Mídia e sensacionalismo no caso Lázaro Barbosa: a espetacularização da caça à captura¹

Lícia Moreira SANTOS²
Gardene Leão de Castro MENDES³
Universidade Federal de Goiás - UFG

Resumo

Em junho de 2021, Lázaro Barbosa cometeu uma série de crimes em Goiás, o que desencadeou uma intensa cobertura midiática marcada pelo sensacionalismo. A grande mídia adotou uma narrativa de espetáculo, transformando a caçada policial em entretenimento e explorando o medo coletivo. Este trabalho analisa como a cobertura jornalística influenciou a opinião pública e o desfecho do caso, mediante estudo de reportagens, manchetes e notícias, apoiado pelas teorias de Aguiar (2006) e Angrimani (1995). O artigo propõe uma reflexão crítica sobre os limites éticos da mídia, a naturalização da violência e o papel simbólico da justiça em uma sociedade guiada pelo desejo de vingança.

Palavras-chave: Lázaro Barbosa; mídia; sensacionalismo; espetáculo.

1. Introdução

Em junho de 2021, em Ceilândia (DF), um homem invadiu uma casa, matou o pai e seus dois filhos e sequestrou a esposa da vítima, que foi posteriormente assassinada. A fuga do acusado deu início a uma série de crimes e a uma operação policial de 20 dias, encerrada com sua morte. O acusado era Lázaro Barbosa de Sousa, que foi rotulado pela mídia como serial killer e virou o centro de uma das maiores coberturas jornalísticas do país.

A mobilização policial em torno da captura do criminoso foi utilizada como alternativa de maximização da audiência pela mídia: a caçada se tornou um *reality show*, com transmissões ao vivo e novas informações surgindo a todo tempo. Lázaro se tornou um vilão e representava uma ameaça para o bem-estar e segurança da população, ao passo que os policiais e agentes públicos foram alçados aos heróis que poderiam proteger a sociedade do perigo iminente que rondava pela região.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Discente do Curso de Relações Públicas da UFG, e-mail: licia_moreira@discente.ufg.br

³ Professora do Curso de Relações Públicas da UFG, orientadora do trabalho, e-mail: gardeneleao@ufg.br

A mídia transformou a caçada em um reality show: transmissões ao vivo, manchetes sensacionalistas e atualizações constantes. Lázaro foi retratado como um "monstro" e ameaça à segurança pública, enquanto os policiais foram alçados ao papel de heróis. Cada termo utilizado ("serial killer", "elemento", "perigo nacional") ajudou a moldar a percepção pública, intensificando o medo e contribuindo para a naturalização da violência como resposta.

Para Danilo Angrimani (1995), esse tipo de jornalismo é dotado de um sensacionalismo específico e se materializa pela encenação e desobstrução das barreiras entre o real e o fictício. As notícias são construídas com o cuidado de gerar entretenimento e atrair a atenção do espectador por meio do exagero e escândalo. Angrimani (1995), afirma

...tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com o fato e a "notícia" é elaborada como mero exercício ficcional (ANGRIMANI, 1995, p.16).

A cobertura jornalística do caso Lázaro Barbosa não se difere dessa perspectiva, visto que a mídia se preocupou com a narrativa que criava e com a maximização da audiência, assim como espetáculos são pensados com o objetivo de agradar o espectador.

O objetivo deste artigo é analisar o espetáculo sensacionalista da mídia brasileira no caso, bem como a ação dos agentes públicos na busca por fazer justiça. Para isso, fizemos uma análise qualitativa de notícias, reportagens, transmissões ao vivo, manchetes e falas públicas que ajudaram a reforçar a história contada publicamente. É importante destacar que o objetivo do trabalho não é justificar, minimizar e, muito menos, defender os crimes cometidos por Lázaro Barbosa de Souza, os quais repudiamos veementemente. A proposta central reside na análise de como as construções midiáticas nesse caso tornaram-no semelhante a um reality show policial, colocando em xeque os limites entre justiça, vingança e entretenimento.

2. O espetáculo da perseguição: uma narrativa de guerra

Reality show é um gênero de programação de televisão em que pessoas "reais" são colocadas em situações variadas, muitas vezes competitivas, para entretenimento do

público. Os participantes são monitorados por câmeras enquanto interagem uns com os outros, enfrentam desafios ou simplesmente vivem suas vidas cotidianas⁴. Os reality shows são utilizados como ferramentas de maximização do alcance pelas redes de televisão, a exemplo do Big Brother Brasil, exibido pela Rede Globo de Televisão.

Esse formato de vigilância constante, drama em tempo real e engajamento emocional, típico dos reality shows, foi transposto para a cobertura da perseguição a Lázaro Barbosa. Em junho de 2021, emissoras brasileiras transformaram o caso policial ocorrido em Ceilândia em um espetáculo televisivo, acompanhado em massa e constantemente atualizado. Para Aguiar (2008), o sensacionalismo é uma estratégia eficaz para atrair o espectador, sobretudo por seu caráter de entretenimento. Assim, criou-se um enredo: Lázaro, o fugitivo, tornou-se o antagonista de uma narrativa sensacionalista, transmitida em tempo real com helicópteros, repórteres nas matas e manchetes apelativas, alimentando o medo coletivo.

Em 14 de junho de 2021, cinco dias após a fuga do criminoso, o Correio Braziliense publicou um artigo traçando os últimos passos dados pelo fugitivo. A primeira informação visualizada no artigo é o tema que foi intitulado de “Chacina do Incra 9”. Incra 9 é o nome da chácara em que Lázaro cometeu o triplo homicídio. Ao prosseguir a leitura do artigo, outras construções são percebidas: “extensa ficha criminal”, “seis dias de terror”, “sábado de terror”, “enquanto a família de Cleonice descobria que nunca mais a veria com vida novamente”. Nessas construções, cautelosamente pensadas, observa-se a perigosa persuasão na construção do medo e pesar por parte da população, adicionando a solidarização pelo direito à vida da vítima que foi violada. Angrimani (1995) apresenta a seguinte prerrogativa

...a linguagem editorial sensacionalista é a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca “romper o escudo contra as emoções fortes”. É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação (ANGRIMANI, 1995, p.20).

Ao analisar a linguagem utilizada pelo Correio Braziliense para noticiar os recentes acontecimentos do caso, percebe-se a linha tênue entre fato, espetáculo e manipulação da opinião pública. O jornal não apenas choca o público com a linguagem que utiliza, como também faz uso da comoção e apelo emocional a fim de envolver os

⁴ Disponível em: <https://samyroad.com/glossario/reality-show/>. Acesso em: 9 de junho de 2025.

espectadores na história narrada. Assim, o jornalismo deixa de apenas informar para assumir o papel de roteirista, produzindo emoção e reforçando estereótipos que alimentam o medo coletivo.

Em contrapartida, o artigo não se conteve ao tocar a população. Ao final da leitura, uma provocação explícita foi feita às forças policiais. O Correio Braziliense informa que duas das maiores forças policiais do país se juntaram à busca e apreensão do criminoso: Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e Polícia Federal (PF) e totalizaram 200 soldados em campo, com a única função de encontrar e apreender o suspeito. Em seguida, o artigo abre um tópico intitulado “Suspeito fura cerco policial e foge, de novo”, transmitindo a mensagem que 200 policiais estritamente capacitados foram incapazes de capturar um único homem foragido que não possuía o menor aparato.

Em publicação feita pelo VEJA São Paulo em 16 de junho, a manchete utilizada possui tom agressivo com aparente tentativa de desumanização do criminoso: “A história macabra de Lázaro, serial killer que mobiliza 300 policiais”. Angrimani (1995) diz

Isto porque a manchete, dentro da estratégia de venda de uma publicação que adotou o gênero sensacionalista, adquire uma importância acentuada. A manchete deve provocar comoção, chocar... São elementos que nem sempre estão presentes na notícia e dependem da “criatividade” editorial (p.16).

A mídia reforçou o pânico coletivo ao chamar Lázaro Barbosa de “macabro” e “assassino em série”, destacando que 300 policiais não conseguiram capturá-lo. As maiores emissoras nacionais — Band News, SBT, Globo e Record — contribuíram para a construção e perpetuação da narrativa de uma guerra policial, nomeando Lázaro como “serial killer do DF” e o homem mais procurado do país, envolvido na maior caçada da história. Essas construções têm a intenção explícita de espetacularizar o confronto entre o bem e o mal.

Além da narrativa sensacionalista, a Rede Globo protagonizou um episódio grave de racismo religioso. Em 14 de junho de 2021, o G1 publicou a manchete: “Ele é o chamado satanista”, diz polícia sobre Lázaro Barbosa”, demonizando o criminoso com base na fala de um policial. A situação se agravou quando a emissora, em sua conta no Twitter, divulgou imagens de objetos religiosos de matriz africana encontrados na casa de Lázaro, associando-os a “bruxaria” e “rituais”. A associação reforçou estigmas

históricos e uma visão racista sobre religiões afro-brasileiras. O caso foi denunciado por veículos como o Brasil de Fato, que apontaram racismo religioso. Após repercussão negativa, a Globo apagou o conteúdo e pediu desculpas, como já fez em outras ocasiões semelhantes.

Dias (1996) explica que o jornalismo sensacionalista cria e perpetua estereótipos relacionados à injustiças sociais e naturalização da violência, como é o caso da Rede Globo de Televisão. Segundo ele, esse tipo de discurso apresenta riscos à sociedade, pois pode levar ao sensacionalismo e banalizar a violência como parte integrante do cotidiano, pelo uso de malícia e humor. Dessa forma, a cobertura do caso Lázaro ultrapassa os limites do jornalismo informativo, assumindo uma postura ideológica que contribui para a naturalização da violência e a construção seletiva de inimigos sociais.

3. A captura como clímax midiático

28 de junho, 10h da manhã, segunda-feira. O Jornal Hoje interrompe a programação para noticiar a captura de Lázaro Barbosa de Sousa, o “serial killer do DF”. Durante o noticiário, o vídeo do homem baleado sendo carregado pelos policiais e, em seguida, jogado no carro de bombeiros é exibido repetidamente. Ao fundo, policiais sorriem, se abraçam e comemoram. Ainda durante a notícia, a informação que o criminoso veio a óbito é recebida e transmitida como “um dia histórico”.⁵ A discussão que reverbera é: até que ponto se pode ir para fazer justiça - ou até que ponto a mídia tradicional pode ir com seu espetáculo?

Gardene Leão (2011) afirma

Nunca o espetáculo midiático teve tanto poder, organizando a passividade por meio da produção de enunciados desconexos. Assim, a mídia acaba reforçando a alienação por meio da produção de gestos de interpretação que remetem a determinados significados que invadem todos os domínios (arte, economia, política, vida cotidiana etc...). (LEÃO, 2011, p. 36).

A mídia tradicional tem a liberdade de criar seus próprios espetáculos e montar seu enredo, ainda que isso cruze a linha do real e do fictício. Essa liberdade existe pois não existe questionamento: a sociedade aceita o que é transmitido como verdade e, além disso, contribui reforçando a história como se acompanhasse um programa de entretenimento. Essa prática não vem de hoje. Barbosa (2008) explica que no início do

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9641005/?s=0s>. Acesso em: 9 de junho de 2025.

século escritores percebiam a preferência do público por histórias exageradas e escandalosas, com a violência exercendo o papel central e os fatos fugindo do que se concebe como normal e possível. Em 2021, Lázaro se apresentou como o ingrediente perfeito para a (re)produção da receita que mais vendia na mídia: o espetáculo.

Foram 20 dias e noites de busca ao “*serial killer* do DF”, o “satanista”, o “monstro”, o “terror” que assolou o solo brasileiro em junho de 2021. A população brasileira estava com medo, aterrorizada e precisava de uma resposta dos agentes públicos. Os agentes públicos estavam desacreditados: os veículos tradicionais insistiam em reforçar a incapacidade de tantos soldados em capturar um único homem. A simples captura não bastava. Era preciso encenar uma resposta à altura do espetáculo construído, provar a força policial diante das câmeras - e, sobretudo, diante da opinião pública.

Na manhã de 28 de junho, o país acompanhava, ao vivo, o desfecho do caso Lázaro Barbosa. Após 20 dias de busca, ele foi baleado com 32 tiros em uma megaoperação policial. O mais chocante foi a transmissão das imagens em tempo real pelas principais emissoras de TV aberta: o corpo alvejado do criminoso foi exibido sem borrões, sem considerar o horário, o público ou os limites éticos da cobertura. Como espectadora de apenas 15 anos na época, recordo-me do impacto de ver aquelas cenas sendo transmitidas com tamanha naturalidade. Amaral (2006) explica que, em casos como esse, a preocupação com o espetáculo é muito maior do que o cuidado em transmitir informações de qualidade ou preservar os direitos humanos previstos por lei.

A violência não foi apenas naturalizada, mas também justificada pelos crimes cometidos por Lázaro. A mídia criou uma fórmula eficiente para atrair audiência: o criminoso virou o antagonista; os policiais, os heróis; e a sociedade, a vítima indefesa. O enredo foi construído com começo, meio e clímax, cuidadosamente pensado para provocar emoções e reforçar estereótipos. Fica escancarada a hipocrisia de uma mídia que prega o respeito e o cuidado quando se observa a transmissão de um corpo, sem censura ou reflexão, em TV aberta às 10h da manhã de uma segunda-feira.

4. Justiça ou vingança?

Segundo o Dicionário Oxford, justiça é definida como qualidade do que está em conformidade com o que é direito; maneira de perceber, avaliar o que é direito, justo. Em contrapartida, vingança é entendida como ato lesivo, praticado em nome próprio ou

alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; desforra, vingança. O caso Lázaro Barbosa coloca em xeque esses dois conceitos em uma discussão: os agentes públicos fizeram justiça ou buscaram vingança?

Como já abordado neste artigo, a mídia foi igualmente estratégica na forma como retratou os agentes públicos e as forças policiais envolvidas na busca por Lázaro Barbosa. Um mesmo pensamento era transmitido e retransmitido pelos meios de comunicação de massa: como 300 policiais tão bem preparados e equipados com os mais diversos tipos de armamento não conseguiram capturar um único homem que não desfrutava do menor acessório de guerra? Ao mesmo tempo em que os agentes públicos foram eleitos os salvadores naquele momento e estavam com a moral elevada, a mesma mídia conseguiu ferir o ego ao duvidar da capacidade deles diante da operação de prisão do fugitivo.

A apreensão de Lázaro Barbosa atrelada ao fim definitivo de sua caçada era uma questão de honra para o Estado e para a polícia, muito mais que um processo legal e justo. Ao ser encontrado, os policiais relataram que houve uma troca de tiros com o criminoso que resistiu à prisão. O que parece desbalanceado é haver uma troca de tiros de 300 policiais contra um homem. Lázaro sabia que, se fosse encontrado, não passaria impune pelas barbáries que cometeu. A questão é o relato policial de que 125 tiros foram disparados. Destes, 32 acertaram o infrator. Se estavam buscando justiça, o que justificaria o alvejamento? Mas a violência é naturalizada quando se fala em nome da ordem, da justiça. Não houve justiça. Não se faz justiça ao direcionar 125 tiros contra alguém. Houve vingança e, acima de tudo, houve a resposta simbólica que a sociedade tanto esperava: “bandido bom é bandido morto”.

Em reportagem publicada pelo veículo Carta Capital⁶ em 25 de junho de 2021, é analisada como a espetacularização midiática influencia negativamente no desfecho do caso. Na reportagem, Rafael Alcadipani, membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, alerta para o perigo do justicamento em casos como esse. Em trecho retirado da entrevista, Alcadipani afirma

⁶ Disponível em:
<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-espetacularizacao-do-caso-lazaro-atrapalha-o-desfecho-da-operacao/>.
Acesso em: 9 de junho de 2025.

Alcadipani critica fortemente a ideia, por entender que abre margem para a lógica do justicamento. “O estado não consegue fazer a entrega que deveria e vai para essa lógica da justiça com as próprias mãos, de uma demonstração de força, sem resultados efetivos. Isso é uma coisa bastante peculiar da segurança pública brasileira, que não trata o assunto de forma profissional”, critica o especialista, que também vê riscos de que esse sentimento se manifeste entre a população. (Carta Capital, 2021)

O sentimento de justicamento ganhou força e se concretizou em ações reais. Em 23 de junho de 2021, um homem foi espancado após ser confundido com Lázaro Barbosa, sofrendo lesões no tórax e na cabeça. Três dias antes, a deputada federal Magda Mofatto publicou uma imagem armada e trajando roupas camufladas, insinuando que ela mesma iria capturar o fugitivo. Essas ações escancaram como a narrativa midiática sensacionalista ultrapassou os limites do jornalismo, naturalizando a violência e incentivando manifestações públicas de deboche e agressividade. Quanto maior o espetáculo, mais aplausos (ainda que às custas da ética e da dignidade).

Cerca de um mês após a morte de Lázaro Barbosa, o caso ganhou repercussão ao ser decretado sigilo oficial de cinco anos sobre a investigação da operação. O Correio Braziliense solicitou informações sobre o custo da ação policial em junho de 2021, mas foi informado que os dados não poderiam ser divulgados, pois revelariam estratégias, recursos utilizados e comprometeriam projetos futuros, além de colocar em risco a segurança da instituição e o sucesso de outras operações.

É contraditório que se imponha sigilo à investigação da operação que resultou na morte de Lázaro Barbosa, já que toda a caçada foi amplamente exposta pela mídia em tempo real. Se tudo foi transmitido com tamanha naturalidade, o sigilo serve à proteção da estratégia ou à blindagem dos agentes públicos envolvidos? O silenciamento parece menos sobre segurança institucional e mais sobre evitar responsabilizações — afinal, em uma sociedade movida por espetáculos, até a justiça pode se tornar seletiva.

5. Considerações finais

Ao analisar a espetacularização midiática em cima do caso Lázaro Barbosa é percebida a capacidade da mídia em performar diante das câmeras em prol da maximização da audiência. Essa prática possui consequências significativas na perpetuação de comportamentos perigosos, como a naturalização da violência e banalização da justiça, e coloca em xeque limites éticos.

Ao eleger Lázaro Barbosa como “serial killer”, “monstro” e inalcançável, a mídia tradicional instaurou um clima de medo e alimentou diariamente a insegurança coletiva, criando o cenário perfeito para um espetáculo. Com vilão, heróis e um país atento a cada passo, o caso foi transformado em narrativa sensacionalista.

Mas os aplausos vieram acompanhados de consequências graves: a desumanização do criminoso, a banalização da justiça, a naturalização da violência e a manipulação da opinião pública. Lázaro se tornou um mito — e a sua morte, apresentada como vitória, levanta a questão: serviu à justiça ou à necessidade simbólica de um desfecho televisivo? O caso evidencia as fragilidades da mídia e do Estado ao lidarem com a violência. Quando a justiça se molda ao desejo coletivo por vingança, ela ainda é justiça? E como informar sem explorar o medo e a dor social?

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo. Entretenimento: valor-notícia fundamental. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2008.

AMARAL, Márcia Franz. Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular? In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais, Brasília, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo popular e o sensacionalismo. Disponível em: . Acesso em: 02 fev. 2008.

LEÃO, Gardene. O discurso da criminalização da juventude no Jornal *Daqui*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

BAND JORNALISMO. Quem é Lázaro Barbosa de Souza, serial killer procurado em Brasília e Goiás. 16 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.band.com.br/noticias/quem-e-lazaro-barbosa-de-souza-serial-killer-procurado-em-brasilia-e-goias-16354739>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

PSYCHOLOGY TODAY. Serial Killers. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/basics/serial-killers>. Acesso em: 9 de junho de 2025.

SAMYROAD. Reality Show. Disponível em: <https://samyroad.com/glossario/reality-show/>. Acesso em: 9 de junho de 2025.

GLOBOPLAY. Morre Lázaro Barbosa, criminoso procurado por 20 dias em Goiás. 28 de junho de 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9641005/?s=0s>. Acesso em: 9 de junho de 2025.

SOUZA, Talita de. Caso Lázaro: relembre todos os passos dados pelo criminoso até agora. Correio Braziliense, 14 de junho de 2021. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/06/4931196-caso-lazaro-relembre-todos-os-passos-dados-pelo-criminoso-ate-agora.html#google_vignette. Acesso em: 9 de junho de 2025.

VEJA SÃO PAULO. A história macabra de Lázaro, serial killer que mobiliza 300 policiais. 16 de junho de 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/historia-macabra-lazaro-sousa-serial-killer-df-go/>. Acesso em 9 de junho de 2025.

PULJIZ, Mara; GALVÃO, Walder. 'Ele é o chamado satanista', diz polícia sobre Lázaro Barbosa de Sousa, suspeito de chacina no DF. G1, 14 de junho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/14/ele-e-o-chamado-satanista-diz-investigador-sobre-lazaro-barbosa-de-sousa-suspeito-de-chacina-no-df.ghtml>. Acesso em: 9 de junho de 2021.

BASILIO, Ana Luiza; XAVIER, Getulio. Do TikTok à imprensa, a espetacularização do Caso Lázaro atrapalha o desfecho da operação. Carta Capital, 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-espetacularizacao-do-caso-lazaro-atrapalha-o-desfecho-da-operacao/&sa=D&source=docs&ust=1749651020756310&usq=AOvVaw1XTFJ9AiHndoRPyYsJIUgN>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

OXFORD LANGUAGES. Oxford Languages and Google. Disponível em: https://www.google.com/search?q=justi%C3%A7a+defini%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1BNSD_pt-BRBR1095BR1096&oq=justi%C3%A7a&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggEEEUYOzIGCAAQRRg7MgcIARAAGIAEMhAIAhAAGIMBGLDGMkDGAEMgYIAxBFGGEAyBggEEEUYOzINCAUQABiDARixAxiABDINCAyQABiSAXiABBiKBTINCAcQABiSAXiABBiKBdIBC DU0MjlqMGo3qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 10 de junho de 2025.

OLIVEIRA, Rafael. Polícia Civil impõe sigilo de 5 anos sobre gastos nas buscas a Lázaro Barbosa; veja motivos alegados. G1, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/07/26/policia-civil-impoe-sigilo-de-5-anos-sobre-gastos-nas-buscas-a-lazaro-barbosa-veja-pontos-do-documento.ghtml>. Acesso em: 10 de junho de 2025.